



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς
Journal of Philosophy



n. 47 Janeiro- Abril de 2025

**FILOSOFIA NATURAL E ATEÍSMO EM ESTRATÃO DE LÂMP SACO E
PIERRE BAYLE**

RESUMO: Dedicando-se plenamente ao estudo das ciências naturais, Estratão de Lâmpsaco foi um filósofo peripatético que, à luz dos elementos naturalistas de Aristóteles, dispensou em sua filosofia natural a necessidade de um deus ativo criador e organizador do universo, alocando o governo divino na força cega da natureza. Tais teses na Modernidade foram revisitadas por Pierre Bayle em alguns parágrafos da *Continuation des Pensées diverses*, escrito em que o filósofo francês revisita o pensamento de Estratão para torna-lo imprescindível na sua defesa de um ateísmo especulativo e prático. Mais especificamente, quando Bayle estabelece a equivalência do spinozismo ao estratonicismo, o faz assimilando o pensamento de Estratão à sua própria filosofia quando trata da ligação entre filosofia natural e ateísmo nos períodos Antigo e Moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Estratão, Bayle, filosofia natural, ateísmo.

ABSTRACT: Dedicating himself fully to the study of natural sciences, Strato of Lampsacus was a peripatetic philosopher who, in the light of Aristotle's naturalist elements, dispensed with in his natural philosophy the need for an active god, creator and organizer of the universe, allocating divine government in force blind from nature. Such theses in Modernity were revisited by Pierre Bayle in some paragraphs of the *Continuation des Pensées diverses*, a writing in which the French philosopher revisits Strato's thought to make it essential in his defense of a speculative and practical atheism. More specifically, when Bayle establishes the equivalence of Spinozism to Stratonicism, he does so by assimilating Straton's thought to his own philosophy when dealing with the connection between natural philosophy and atheism in the Ancient and Modern periods.

KEYWORDS: Strato, Bayle, natural philosophy, atheism.

RÉSUMÉ: Se consacrant pleinement à l'étude des sciences naturelles, Straton de Lampsaque était un philosophe itinérant qui, à la lumière des éléments naturalistes d'Aristote, renonça dans sa philosophie naturelle à la nécessité d'un dieu actif, créateur et organisateur de l'univers, attribuant le gouvernement divin à la force aveugle de la nature. De telles thèses dans la Modernité ont été revisitées par Pierre Bayle dans certains paragraphes de la *Continuation des Pensées diverses*, écrit dans lequel le philosophe français revisite la pensée de Straton pour la rendre essentielle dans sa défense d'un athéisme spéculatif et pratique. Plus précisément, lorsque Bayle établit l'équivalence du spinozisme au stratonicisme, il le fait en assimilant la pensée de Straton à sa propre philosophie lorsqu'il traite du lien entre philosophie naturelle et athéisme aux périodes antique et moderne.

MOTS-CLÉS: Straton, Bayle, philosophie naturelle, athéisme.

“Ímpio não é quem elimina os deuses aceitos pela maioria, mas quem aplica aos deuses a opinião da maioria”

Epicuro, *Carta a Meneceu*, 123.

I. Introdução

Em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Diógenes Laércio dedica um pequeno verbete – mais biográfico do que filosófico – à figura de Estratão de Lâmpaco. Lá ele sistematiza todos os – supostos - escritos¹ - no total de 44: obras esotéricas, exotéricas, de natureza escolar ou científica classificadas por matérias e escritos pessoais, cartas - do “melhor dos peripatéticos”, segundo a afirmação de Simplicio no seu *In Aristotelis Physica*. São listados também os homônimos do autor, onde é afirmado que existiram oito Estratões, citando por último, “um peripatético, que viveu em Alexandria” (1999, p. 623)². Ao final do curto verbete, em relação ao próprio Estratão, Diógenes Laércio afirma que ele foi um indivíduo tido em alta conta, notável em qualquer saber especulativo e, principalmente, “no que se chama física, que é propriamente a forma mais antiga e a que demanda a maior aplicação” (*Ibid.*, p. 625). Nesse sentido, a organizadora de uma compilação de riquíssimos estudos sobre a figura, o pensamento e a organização das fontes a respeito do pensador grego, Marie-Laurence Desclos³, qual o lugar dele “no coro dos que chamarei, por comodidade, os ‘sábios’ gregos” (2011, p. 2)⁴, sendo preciso dar-lhe “o lugar que ele merece, e evidenciar a importância teórica que foi a sua tanto para seus contemporâneos como para quem, depois dele, do Liceu ou alhures, teve a sua influência”(*Ibid.*, p. 4). No começo do século XVIII, é Pierre Bayle na *Continuation des Pensées diverses* quem trará à tona o naturalismo estratoniano, o transformando no equivalente antigo mais notável do spinozismo. Para o filósofo de Carla, Estratão sustentou em sua “física” que tudo na natureza seguiu uma ordem necessária, sem nenhum bem ou mal inatos no universo,

¹ Sobre esse ponto, conferir as riquíssimas notas estabelecidas na tradução francesa das *Vidas Ilustres*, mesmo que Diógenes Laércio, segundo os organizadores da edição, apresente um catálogo incompleto das obras de Estratão (1999, em particular, p. 618-622). A respeito da tradição peripatética no livro V, ver Antônio Pedro Mesquita (2015).

² Ver também Robert W. Sharples, “Strato of Lampsacus: The Sources, Texts and Translations”, 2011, em particular p. 14-17.

³ Que organizou, juntamente com William W. Fortenbaugh a compilação de estudos e traduções intitulada *Strato of Lampsacus: text, translation and discussion*. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers (Rutgers University studies in classical humanities), 2011, volume XVI.

⁴ E, segundo a comentadora, ela afirma que “sans me prononcer sur leur contenu, j’observe néanmoins que, bien souvent, la pensée de Straton est moins étudiée pour elle-même que pour ses trahisons et ses fidélités à l’égard d’un prédécesseur pour toujours figé dans la posture du *magister* (no caso, Aristóteles)”(2011, p. 3).

pois o universo não era considerado como um ser vivo dotado de inteligência ou finalidade, não existindo outro poder além da natureza mesma. Segundo Hubert Bost, Bayle quase que “substituindo Estratão de Lâmpsaco ou prolongando o que ele considera como seu sistema, elabora um estratonismo que lhe deve sua própria existência” (2009, p. 303).

II. *A filosofia natural de Estratão de Lâmpsaco*

Se o mais eminente dos Peripatéticos – como afirma Plutarco em seu *Contra Colotes* – dedicando-se à Filosofia Natural, valendo-lhe a alcunha de físico ou naturalista – *physikos* – (MESQUITA, 2015), empreendeu uma ruptura no interior do Liceu, à medida que deu às suas investigações físicas um caráter peculiar⁵, criticando principalmente a tese aristotélica de que a natureza nada faz em vão, Estratão teria fundamentado suas investigações naturais em um “sistema puramente mecanicista de explicação dos fenômenos naturais que não apoiar-se-ia senão no recurso a causas eficientes” (PELLEGRIN, 2011, p. 243)⁶. Talvez ele tenha sido o primeiro pensador a formular uma cosmovisão secular, sustentada na força inconsciente da natureza e não em uma divindade. O fato de Estratão ter sido chamado por vezes de “físico” sendo “doxograficamente⁷ bem atestado, poderia então significar não somente que ele limite

⁵ Citamos aqui algumas características de sua filosofia natural e ontologia: 1) necessidade de uma investigação exata, utilizando como exemplo a observação de como a água sai de um jato se rompendo em gotas separadas como constatação de que os corpos que caem se aceleram; 2) Ao contrário de Aristóteles, argumentou que, se o tempo e o movimento são contínuos e o número é discreto, o tempo tem uma existência independente do movimento ou que o tempo era o aspecto quantitativo do movimento ao invés de seu aspecto numérico. Isto é, “compter avec des nombres c’est introduire de la discontinuité” (PELLEGRIN, 2011, p. 242); 3) o conceito de lugar como um espaço que ocupa uma coisa e não como uma superfície circundante; 4) o quinto elemento de Aristóteles não existe; 5) toda sensação implica pensamento e não há pensamento que não proceda da sensação; 6) a alma não é imortal, rechaçando as provas de sua imortalidade dadas por Platão no *Fédon*; 7) o vazio existe, porém, só nos espaços vazios entre partículas que encaixam perfeitamente; o espaço sempre está preenchido de matéria, permitindo fenômenos como a compressão e a penetração da luz e calor através de corpos aparentemente sólidos; 8) tanto a vida como a sensação e o intelecto são formas, acidentes e afecções da matéria.

⁶ E aí, segundo Gustavo Rodrigues Rocha, em relação ao atomismo, por exemplo, fosse “talvez a principal razão na Antiguidade, tenha sido a descrença da grande maioria na constituição do mundo através do movimento acidental dos átomos. A falta de um arquiteto para coordenar a perfeição que encontramos no mundo natural torna extremamente improvável a sua constituição” (2007, p. 34).

⁷ Epíteto várias vezes atribuído à Estratão por algumas fontes antigas: “O naturalista” (Políbio, *Historiae*, vol. 12); O “peripatético” (Sêneca, *De superstitione*); O “naturalista” (Proclo, *In Platonis Timaeum*); O “naturalista” (Sexto Empírico, *Adversus mathematicos*); O “naturalista” (Simplicio, *In Aristotelis Physica*); O “naturalista” (*Scholion in Basilii Magni Homiliam in Hexameron*); O “naturalista” (Pseudo-Galeno, *Hist. Phil.*); O “naturalista” (Temístio, *In Aristotelis De caelo*); O “filósofo natural” (Estrabão, *Geographica*); O “naturalista” (Tertuliano, *De anima*); O “naturalista” (Plutarco, *De sollertia animalium*); O “Peripatético” (Pseudo-Iâmblico, *Theol. Arithm.*); O “Peripatético” (Macróbio, *In Somnium Scipionis*); O “naturalista” (Galeno, *De tremore*); O “peripatético” (Clemente de Alexandria, *Stromata*); O

suas investigações à física desvinculando-a da metafísica, mas também que ele recusa todo e qualquer recurso às causas finais” (*Ibid.*, p. 243-244). Assim sendo, parece ter repudiado a existência de qualquer deus fora do universo material⁸, entendendo que cada partícula de matéria tem um poder plástico e seminal, porém, carecendo de sensação e de inteligência.

Segundo Pellegrin, Cícero no *De natura deorum* e no *Lucullus* reforça essa “ausência em Estratão de causa divina no arranjo do mundo” (2011, p. 244). No primeiro escrito, dentre uma doxografia acerca do papel dos deuses no funcionamento do universo, afirma que não se precisa dar ouvidos ao pensador grego, já que ele entende que há uma força divina na natureza e que nela própria está as causas da geração, do aumento e da diminuição, mas que ela é destituída tanto de sentimento como de figura. Por mais que ela seja divina, não é uma força inteligente que rege o universo (I, 35)⁹. No *Lucullus* (121), o líder estóico romano homônimo da obra é colocado diante de Estratão que, por um lado, dispensa toda e qualquer mão-de-obra divina fabricante de mundos já que tudo que existe é obra da natureza, e por outro, isso não significaria que o mundo se cristalizou a partir de corpúsculos variados com vazios existentes entre eles – pois a existência de tal vazio seria mais um devaneio de Demócrito do que propriamente um ensinamento, segundo Estratão. Este ensina que tudo o que é ou o que virá a existir foi ou será gerado por pesos e movimentos naturais e, assim, o naturalista grego rejeitaria em uma tacada só “tanto a ação do que quer que seja divino na formação do universo como o atomismo democritiano” (PELLEGRIN, *op.cit.*, p. 244). Dessa maneira, a interpretação ciceroneana dá margem para sustentar que a força divina se assemelha muito a um jogo necessário de forças materiais. Em sua *Doxographi Græci*, Estobeu afirma que Estratão atrela um peso natural aos corpos, alinhando-se com Simplicio – *In De Cælo* - sendo levados naturalmente para baixo e à revelia da natureza para cima, não havendo leveza no mundo em que os corpos não são

“seguidor de Erisístrato” (Sorano, *Gynaec.*); O “pupilo de Erisístrato” (Rufo, citado por Oribásio, *Coll. Med.*); O “erisistrateano” (Erotianus, *Vocum Hippocraticarum collectio*).

⁸ Ou, no mínimo, ter aceitado a existência de deuses dentre a natureza. Contudo, mesmo Estratão não tendo se considerado como ateu, é interessante nesse aspecto o *deus sive natura* de Spinoza já aqui em germe – não à maneira dos geômetras, como na *Ética*, logicamente – e não é à toa que Bayle tenta fazer a ponte do estratonismo com o spinozismo na Modernidade, particularmente na *Continuation des pensées diverses*.

⁹ E no *De finibus*, cujo primeiro livro é dedicado ao pensamento moral de Epicuro, Cícero afirma que “não há nada pior para um cientista da natureza do que dizer que algo acontece sem uma causa” (I, 6).

mais que mais ou menos pesados ou, em outros termos, o que é mais pesado ou mais leve entre as coisas pesadas.¹⁰

No que concerne à necessidade e ao acaso, Georges Rodier¹¹ entende que Estratão via o acaso como capaz de engendrar qualquer coisa de coordenado e de acabado. Nesse sentido, aí haveria um distanciamento e ruptura com Aristóteles já que este tratava o acaso como o indefinido, desordenado, indeterminado (RODIER *apud* PELLEGRIN, 2011). Todavia, o comentador aconselha certa cautela nessa interpretação devido à falta de textos para embasá-la, sendo mais provável a concepção que Estratão tinha do universo, a saber, somente pelo jogo da diferença de peso, os corpos mais pesados se direcionam ao centro da terra e os corpos mais leves, ou seja, menos pesados, tendem à periferia. Assim sendo, Estratão não adota as teses de Aristóteles, mas também descarta as de Demócrito, pois: o físico grego não é um atomista, já que repudia uma organização do mundo feita por um deus com vazios entre os corpos existentes; e quanto ao problema mesmo do vazio, ele não acredita em um vazio infinito mas na “existência do vazio no interior dos corpos”(Ibid., p. 247). Esta ausência de vazio em torno do mundo implicará em consequências cosmológicas fundamentais e, conseqüentemente, segundo Pellegrin, é preciso abordar essa aproximação doxográfica entre Estratão e Demócrito criticamente, principalmente no tocante ao acaso e aos componentes que constituem a matéria (PELLEGRIN, 2011).

Uma primeira questão é entender que o acaso para Estratão não significa que o que existe ou o que virá a existir não tenha uma causa, já que tudo o que foi, é será produzido por peso e movimento naturais, entenda-se, por causas naturais. Sem dúvida, para Aristóteles, Demócrito e Estratão o que acontece por acaso é o que é produzido sem causa final. Contudo, para o último, não é a finalidade que coloca cada coisa na natureza em seu lugar, mas o peso que as coloca por acaso.¹² Todavia, se Estratão juntamente com Demócrito se opõem à Aristóteles estabelecendo uma visão mecanicista do fundamento do sistema da natureza e, particularmente, da formação do universo, o “naturalista” vai se opor justamente à Demócrito quando se trata da

¹⁰ Todavia, Pellegrin afirma que aí não se trata de uma inovação de Estratão, mas um retorno a posições antigas, já que Aristóteles defende o mesmo logo no início do *De Caelo* (2011, p. 245).

¹¹ Ver seu estudo no livro *La Physique de Straton de Lampsaque*. London: Legare Street Press, 2022.

¹² Segundo Pellegrin, “à partir du moment où ce n’est pas la finalité qui a mis la terre au centre de l’univers, mais son poids, on peut dire, en restant fidèle à Straton, qu’elle est au centre de l’univers par hasard” (2011, p. 247).

indeterminação e do acaso¹³: se para o atomista, acaso é o que significa uma indeterminação radical porque uma coisa poderia ser produzida de outra maneira, já que supostamente a natureza não teria predileção por uma forma particular e assim, ensejaria a tese da infinidade das formas dos átomos. Contudo, e aqui Estratão se aproxima mais de Epicuro, os átomos são em número infinito, mas o número de suas espécies não o é e essa realidade circunscrita é regida por um número limitado de leis da natureza. De qualquer maneira, “o que sabemos da física de Estratão se opõe fortemente a uma explicação indeterminista do tipo atomista” (*Ibid.*, p. 250).

Se o filósofo natural de Lâmpsaco não é atomista, far-se-ia necessário ele precisar o que seriam os componentes materiais últimos que desempenham o papel de átomos: são as qualidades. Se dermos crédito à doxografia, as quatro qualidades aristotélicas – calor, frio, seco e úmido – se reduziriam à duas para Estratão – quente e calor seriam o princípio de todas as coisas. Entretanto, se há certa hesitação em identificar o que é verdadeiramente último dos elementos e/ou das qualidades¹⁴, por outro lado, não deixa de ser instigante que o naturalista tenha concedido às qualidades um caráter de ἀρχή, pois “ele não pensava ser capaz de evidenciar causas primeiras mais ‘finas’ sem cair na metafísica” (*Ibid.*) Sendo a explicação última da ordem do mundo o peso, todos os corpos são pesados e tendem ao centro do universo, mas são mais ou menos pesados devido à quantidade de vazio que possuem¹⁵. É possível que aqui Estratão tenha ido mais longe do que Aristóteles tanto no estudo do movimento como no estudo na queda dos corpos, à medida que reconhece a equação proporcional entre o peso e a massa e ter se aproximado mais da noção de aceleração do que o Estagirita. Assim sendo, juntando ao peso universal as qualidades que são os princípios primeiros das coisas, é possível ver “que a constituição do mundo de Estratão, longe de ser submetida à indeterminação, obedece a um todo processual dos mais regulares” (PELLEGRIN, 2011, p. 251). Em outros termos, a constituição do mundo é marcada por uma necessidade que faz com que o pesado e o leve, o frio e o calor se comportem necessariamente de um certo modo dadas as suas propriedades, encerrando também necessariamente agrupamentos materiais.¹⁶ Parece-se muito com o mundo de Aristóteles, caracterizado por mudanças

¹³ E aqui Pellegrin se distancia da leitura de Rodier, já que este entendeu que Estratão entendeu a noção de acaso nos mesmos termos que Demócrito.

¹⁴ Plutarco diz que, por exemplo, segundo Estratão é a água que é a causa do frio. Ver *De primo frigido*, IX.

¹⁵ Por exemplo, para Estratão a periferia do universo é ígnea, sendo o fogo o elemento mais leve.

¹⁶ Pellegrin recorre a uma imagem do que seria a constituição do mundo para Estratão: “S’ill fallait recourir à une image, on pourrait dire que la constitution du monde selon Straton ressemble à une reaction

internas, mas o episódio inicial, o dado momento de sua formação jamais será conhecido, dando a entender que é impossível que “esse mundo fechado e eterno tenha sido precedido de tentativas infelizes que a natureza foi forçada a abandonar” (*Ibid.*, p. 254), pois, na filosofia natural de Estratão, o *por acaso* determina o *por natureza*, mas não o inverso¹⁷. Ele adota uma posição eminentemente mecanicista, já que tal perspectiva encerra um nível maior de organização em termos de complexidade que é a natureza, até estados menos complexos em relação ao que é engendrado por acaso somente pelo jogo de forças mecânicas determinadas. Assim, o acaso de Estratão engendraria o mundo tal como ele é porque é o único possível de engendrar, opondo-se à noção comum de acaso, que significa uma possibilidade de mundo dentre outros possíveis.

III. Pierre Bayle e o estratonismo na Modernidade

Em sua *Continuation des pensées diverses*¹⁸, Bayle traz à baila a figura de Estratão para tentar responder a uma objeção que lhe fôra dirigida: se é possível comparar um ateu a um assassino e um idólatra a um caluniador (§XC). Em sua réplica, ele argumenta que não se trata de tirar algo do que se acreditou pertencer, mas de opinar segundo a própria razão (§XCI). Com ironia, afirma que se a humanidade não tivesse sido ameaçada de tempos em tempos por fenômenos extraordinários, escapar-lhe-ia a noção de providência, acostumar-se-ia gradativamente a elevar seu espírito acima da natureza, não se preocuparia com um deus, não se falaria disso às próximas gerações e assim, devido a uma falta de instrução e de apreço, esqueceria a divindade estando na mesma condição de alguns povos recém-descobertos que nada afirmam nem negam nada sobre religião. Dessa maneira, entende que acusar em sua totalidade os filósofos pagãos de um ateísmo que debocha da “certeza” sobre a existência divina para se entregarem ao desregramento dos costumes devido ao esvaziamento em suas almas de tal existência não procede: alguns deles entender que viver bem não é evitar os castigos dos céus, mas conformar a vida à virtude e à reta razão. Após um longo *examen* de tais

chimique mettant dans un lieu limité – une éprouvette par exemple – des quantités finies de corps inter-réactifs comme un acide et une base. Ce qui donne un nouvel état stable avec des quantités finies de sel et d’eau” (2011, p. 253).

¹⁷ Tese fundamentalmente anti-aristotélica, já que para o Estagirita, é a forma que é o princípio regulador dos processos materiais de constituição dos seres; e também tese anti-platônica, já que para Platão a alma é a realidade pressuposta para que os processos necessários se desencadeiem.

¹⁸ Mais especificamente nos parágrafos §XCI, §CIII, §CVI, §CIX, §CX, §CXI e §CXII.

questões e eles optando pela negativa, até – e se for o caso – acusa-los de terem mal raciocinado, mas jamais de fazê-lo para satisfazer suas paixões desenfreadas. Aqui Bayle cita o exemplo de Estratão de Lâmpsaco:

Deve-se, sobretudo, supor que um Estóico, que teria o humor de Estratão, não teria proposto senão esclarecer uma questão difícil se há Deuses. Estratão, sucessor de Teofrasto na regência da escola de Aristóteles, não se preocupou em seguir o puro peripatetismo, ele fez inovações, ele derrubou o dogma da existência de Deus, ele não reconheceu outro que elas não ousariam confessá-lo de tanto que temiam serem desprezadas após a confissão de uma tão frouxa fraqueza (*OD III [CPD]*, 1705, p. 319b-320a).

A despeito do temor do impacto que podem causar certas opiniões, na figura de Estratão, o pensador francês vê um exemplo de que o fundamento de qualquer filosofia natural e a existência de deuses nem sempre teve e tem uma correlação necessária. O distanciamento do aristotelismo em relação à necessidade de causas finais à natureza, por exemplo, fez com que o físico grego se destacasse de seus antecessores no Liceu, porém, não foi por suas opiniões demasiado heterodoxas que ele deixou de ser visto como o mais notável entre os peripatéticos, de acordo com Plutarco. Bayle aponta que não faltaram caluniadores aos filósofos naturais que dispensaram qualquer recurso à divindade em sua física e cosmologia, quando os comparam a envenenadores das almas e assassinos incapazes de prezarem pela virtude. Assim, o filósofo de Carla arremata, afirmando que, em relação a uma suposta instância divina orquestradora do universo, “a calúnia dos Pagãos, que o carrega [o ateu] de toda sorte de crimes, lhe é uma ofensa muito mais ultrajante do que a impiedade dos Ateus, que retira-lhe o conhecimento e a direção dos acontecimentos” (*Ibid.*, p. 320a).¹⁹

Bayle aponta três dificuldades a uma objeção que lhe fora direcionada, a saber, que o ateísmo sendo um pecado de malícia, seria mais grave do que os politeístas cometem, que seria o pecado da ignorância²⁰. No §CIII da *Continuation des pensées*

¹⁹ Em uma passagem anterior, Bayle se questiona a respeito de qual o proveito em fazer tais acusações aos ateus que simplesmente não leva em consideração que quanto mais alguém tem apreço à virtude – seja ateu ou não – evita compactuar com quem o desviaria dela: “[...] sera donc le profit que vous tirerez de comparer les Athées à des meurtriers, & les Paiens à des calomnieurs? Ignorez-vous que plus un homme aime la vertu, plus en préfère-t’il la conservation à celle de tous ses autres biens, de sorte que qu’il appréhenderoit plus la compagnie des voleurs & des meurtriers, s’il étoit persuadé que ces empoisonneurs-là l’infecteroient de leurs vices? (*OD III[CPD]*, 1705, p. 320a).

²⁰ Desde o parágrafo §XCVII da *Continuation des pensées diverses*, Bayle se atém e desdobra tais dificuldades, sendo as primeiras duas: 1) que quem faz tal comparação não entendeu que Bayle excluiu da questão os ateus ditos práticos, isto é, dos que extirpam maliciosamente dentro de si mesmo o conhecimento que tem do divino para cometerem crimes sem remorsos. Em outros termos, quem lança tal

diverses, onde aparece mais uma vez a figura de Estratão de Lâmpsaco, a dificuldade aventada é mais desenvolvida e mostra a fragilidade de tal comparação. Além do ateísmo prático e especulativo - categorização ou tipologia inédita de ateísmos já na Modernidade – Bayle estabelece mais dois: 1) o *ateísmo negativo*, que seria a rejeição do que é ensinado sobre a existência divina, permanecendo em uma condição de ignorância devido à falta de instrução e sem propósito algum²¹; 2) e o *ateísmo positivo*, condição de alguns particulares que Bayle supõe, como recurso argumentativo, que tenham nascido em Atenas e que passaram a infância honrando os falsos deuses até uma certa idade influenciados ainda pela opinião comum. Mas passada tal fase, eis o que acontece:

Suponhamos que com a idade de 30 anos, eles não acreditavam em nenhuma divindade e que conhecendo a ridicularidade dos Deuses do Paganismo, eles não tinham encontrado nada de mais provável do que dizer com o filósofo Estratão que todas as coisas são feitas por uma natureza inanimada (BAYLE, *OD III[CPD]*, 1705, p. 328a).

Insistindo no paralelo entre idólatras e ateus, ainda poderiam argumentar que tanto os idólatras atenienses como os ateus estratonianos estariam afastados da verdadeira imagem de um deus. Entretanto, na escala das injúrias²² sustentar uma filosofia natural em uma natureza que basta a si mesma – mesmo privada de inteligência, segundo Estratão – e não em superstições, Estratão seria menos ofensivo e estaria “desculpado” por nunca ter ideia alguma do que seja uma divindade: “Se é uma malícia e uma depravação furiosa da vontade afastar de sua alma a ideia do verdadeiro Deus, os Atenienses Pagãos são tão culpados disso como o Filósofo Estratão, porque assim como ele, faltava-lhes esta ideia. Se quiserem desculpá-los dizendo que eles jamais a tiveram, desculparão esse Filósofo também” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 328b).

Quanto à concepção de natureza estratoniana, no parágrafo §CVI da *Continuation*, Bayle quer verificar se a retorsão²³ que os ateus estratonianos podiam argumentar do

objeção está cometendo uma *ignoratio elenchi*, isto é, conclusão irrelevante ou pseudoconclusão (§XCVIII); 2) a segunda dificuldade consiste em defenderem que há somente ateus práticos, sem se aperceberem de que existem ateus especulativos, os que “não estão persuadidos da existência de Deus” (*OD III [CPD]*, 1705, p. 323a), sendo preciso a quem sustenta tal tese provar que ateus práticos e especulativos são do mesmo tipo.

²¹ Bayle dá como exemplo de tal condição os povos recém-descobertos.

²² E é aí que Bayle mina o paralelo entre os ateus positivos e os idólatras: “Eles [os idólatras] estavam privados desta imagem tanto quanto os seguidores de Estratão. Até então vós não podeis achar que a injúria que eles fizeram a Deus seja menos ofensiva do que o Ateísmo” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 328a).

²³ Termo aqui no sentido específico advindo da retórica e utilizado por vezes pelos cétricos e aqui Bayle entende que Estratão se valeu de tal recurso. Do latim eclesiástico *retorsione*, que significa: 1) refutação

que hauriram no que concerne tanto à ordem como a simetria do mundo embarçaria os filósofos pagãos. Uma suposta objeção poderia ser lançada aos seguidores de Estratão, a saber, que há uma regularidade em todas as coisas da natureza:

Nossos Atenenses, que supomos estarem no sistema de Estratão, seriam obrigados a dizer que uma Natureza que não tinha nem vida nem sentimento, produziu todas essas belas obras e que, sem saber o que ela fazia, aí tinha colocado uma simetria e uma subordinação que parecessem evidentemente o efeito de uma inteligência muito esclarecida e que escolheu seus fins e meios (*Ibid.*, p. 333b).

Segundo Bayle, é preciso que a proposição acima a ser provada consista nisso: a ordem que apareceu na natureza era tão capaz de converter os estratonianos que, se eles não tivessem fingido maliciosamente fugir de sua luz, a objeção contra eles resultante desta ordem os teria convertido infalivelmente, mesmo que – e aqui a ressalva de Bayle – eles “PUDESSEM RETORQUI-LA COM AINDA MAIS FORÇA CONTRA SEUS ANTAGONISTAS” (*Ibid.*, maiúsculas no original.) Dessa maneira, disputando sempre à luz do risco dessa retorsão argumentativa da parte dos seguidores de Estratão, como seria possível “convertê-los” ou convencê-los de que há uma ordem na natureza? Aparentemente, nada seria mais acabrunhante a um estratoniano ouvir de seu oponente que uma causa destituída de conhecimento jamais poderia engendrar algum mundo em que há uma ordem, mecanismo e leis do mundo tão precisos e regulares. Uma casa não poderia ser construída sem uma ideia da mesma, um organismo não poderia ser organizado sem uma causa privada de sentimento e um mundo não poderia ser originado de uma causa inanimada. Todos esses exemplos elencados poderiam fazer com que os estratonianos vissem que sua hipótese é incompreensível e passível de ser reduzida *ad absurdum*. Se não respondessem que foi um deus que rege todas as leis e acontecimentos naturais, qualquer outra resposta da parte dos estoicos seria favorável a seus opositores e dar-se-ia uma grande disputa já que “os Estratonianos não deixaram de descobrir que precisariam ir direto ao primeiro ser, ao princípio das outras seitas” (*Ibid.*, p. 334a).

Todavia, se Bayle forneceu as proposições para os filósofos pagãos as lançarem contra seus opositores estratonianos, ele também fornece a estes argumentos para *retorquirem* seus adversários. Se é admitido dois princípios de todas as coisas, um deus como princípio ativo e a matéria como princípio passivo, e se esse deus é um fogo

em que se faz com que o argumento do adversário se volte contra ele próprio; 2) tentativa de invalidar o argumento do adversário mediante a demonstração de suas incoerências.

eterno, ele é então um conjunto de corpúsculos agitados já que essa seria a essência do fogo e é impossível que um todo constituído de diversas partículas corporais e agitadas existisse sem um arranjo e certo grau de movimento determinado nessas partículas. Admitido isso, então a consequência seria dizer que por toda a eternidade houveram nesses corpúsculos ígneos que compõem a natureza da divindade um certo arranjo e movimento que seriam distintos de qualquer outro arranjo e de movimento concebíveis (*OD III [CPD]*, §CVI).

Aqui, o estratoniano de Bayle levanta duas questões: 1) do que dependeria tanto esse arranjo preciso como esse grau de movimento? 2) eles foram escolhidos por uma causa inteligente e preferidos a qualquer outro arranjo e quantidade de movimento possíveis por uma natureza que sabia o que fazia e o porque de fazê-lo? Não seria possível aqui afirmar isso, pois implicaria destituir esse deus de todos seus atributos – como por exemplo, um ser que cria, mas não é criado por ser a causa eficiente e final de todas as coisas – sendo preciso remontar à causa anterior que é o fogo, explicar a sua essência, dizer mesmo se se trata de um fogo e assim, *ad infinitum*. Assim, restaria ao estoico limitar-se a essa natureza ígnea que ele chama de deus e concordar que o arranjo de suas partes e de seu grau de movimento não foi regrado por uma causa que sabia o que ela arranjava ou que movia. Assim sendo, eis a aporia estratoniana: se nada disso dependeu de uma causa inteligente que seria o mais perfeito dos seres, não dá mais para negar que o mundo foi engendrado por uma causa que age sem conhecer, sendo o princípio de todas as coisas um “princípio inanimado” (*Ibid.*, p. 334b),²⁴ princípio inanimado que significa a necessidade mesma da natureza que é a razão da existência do princípio ativo que foi diferenciado da matéria pelos adversários do estratonismo. No fim das contas, se quiserem forçar a explicar como e porque há uma ordem na natureza

²⁴ E se não for possível um mundo engendrado por um princípio inanimado, mais impossível ainda seria, segundo Bayle, “que votre Jupiter, un Dieu qui fait tout, qui pourvoit à tout, qui dispose de tout avec une souveraine bonté & avec une sagesse infinie, ait acquis tant de perfections sans qu’aucune cause intelligente ait présidé à l’arrangement & au mouvement des particules qui le composent. Il n’y a point présidé lui-même en tant que doué d’intelligence & de volonté; car son intelligence & sa volonté ne sont point antérieures à son existence complete. Il a été un feu aussitôt qu’un Dieu: l’arrangement & le mouvement déterminé des parties de ce feu n’ont ni précédé ni suivi les perfections intellectuelles de Jupiter.” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 334b). Cf. também essa outra passagem no §CVI: “Un Stôicien raisonnant sur ces principes auroit été obligé de nier que la matière existât indépendamment de Dieu; car on lui eût fait à l’égard de l’existence la même question qu’il eût proposée à l’égard de l’activité & si rien n’existe sans avoir été produit par une cause intelligente, d’où viennent donc, auroit demandé un Stratonicien, les vertus actives du feu qui composent votre Jupiter? Ont-elles été donnés sur une cause exemplaire qui précédat Jupiter? Ce seroit le progresz à l’infini; on ne trouveroit aucune première cause: si vous voulez éviter ce grand abîme, il faut que vous conveniez qu’aucune idée, qu’aucun mouvement volontaire n’ont contribué à existence du feu éternel que vous nommez Dieu” (*Ibid.*, p. 335b-336a).

sem que haja um ser sobrenatural que a reja, a retorsão consiste em retornar o argumento como deslocamento do ônus da prova: a saber, explicarem como há ordem nos corpúsculos ígneos de um deus sem a direção de alguma causa inteligente e aí consiste a dificuldade maior, já que terão que dar a razão “de um efeito infinitamente mais acabado do que a Natureza ou do que o mundo” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 334*b*). Segundo Bayle, “eis os que os discípulos de Estratão poderiam dizer aos Estoicos” (*Ibid.*), e as demais doutrinas filosóficas não ficariam mais suscetíveis de retorsão do que a doutrina estoica, já que não há como os “filósofos cristãos e os cartesianos estarem em condição de arruinar a seita de Estratão, sem temer retorquirem seus raciocínios contra eles mesmos” (*Ibid.*)²⁵

Querendo averiguar a hipótese de que o princípio dos ateus introduziria a anarquia no mundo – *CPD*, §CIX - Bayle afirma que não é porque Estratão rejeitou a noção de causas finais, ele tenha rejeitado a própria noção de causa no âmago de sua filosofia natural, já que admitindo uma natureza necessária, nela constando tanto uma ordem como uma regularidade. Ele diz:

O sistema dos outros Ateus, o de Estratão por exemplo, não excluía de modo algum todo princípio de ordem e de regularidade, visto que ele admitia uma natureza necessária e contínua, que tinha a faculdade de produzir o que se produz no Universo (*OD III[CPD]*, 1705, p. 338*b*).

Desprovendo a natureza do conhecimento acerca do que ela engendra, ela não pode variar a sua conduta, já que o que nada conhece não pode desejar uma coisa a outra. As suas partes poderiam ser transpostas, e daí adviria a geração, a corrupção, a alteração de certos, contudo, a despeito do estado ou condição em que suas partes se encontrassem no mundo, a natureza permaneceria invariável. Assim sendo, Bayle diz: “eu não penso que Estratão, se examinasse atentamente o que se passa na Terra, se persuadisse de que

²⁵ Retorsão da qual não escaparia a doutrina platônica nem a aristotélica, por exemplo. Em relação à doutrina platônica: “Vous croirez peut-être qu’un Platonicien qui donnoit a Dieu une nature incorporelle auroit mis à bout facilement les sectateurs de Straton; mais ne vous fiez pas trop à cela, car en I lieu la doctrine platonique touchant la Divinité n’est pas uniforme dans les oeuvres de Platon: on y trouve tant de choses que se combattent les unes les autres, qu’on ne sait à quoi s’en tenir; 2. Ce n’est qu’un tissu de suppositions arbitraires qu’il debite magistralement sans les prouver; 3. Il est si obscur qu’il rebute tous les esprits qui ne cherchent que la lumière. Coceron qui l’admite tant par d’autres endroits ne voulut pas seulement lui faire l’honneur d’examiner son hypothese sur la nature divine; 4. Straton auroit pû faire aux Platoniciens cette question: est-il vrai que vous admettiez des idées séparées de la substance de Dieu?” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 335*a*). E em relação à doutrina aristotélica: “La doctrine de Aristote sur la nature de Dieu est si embrouillé de variations & de obscuritez qu’on dispute encore si elle est impie ou si elle n’est pas. Il y a d’habiles que croient qu’elle fraïa le chemin de l’Athéisme de Straton. Elle n’étoit donc guere propre à convertir les Stratoniciens & vous me ferez beaucoup de plaisir si vous me montrez qu’elle n’avoit rien à craindre de leurs retorsions” (*Ibid.*, p. 335*b*).

ela não fosse jamais destruída” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 338*b*). Se ele acreditasse nisso, teria de dizer o mesmo a respeito de todos os outros astros e admitir que o nosso mundo é destrutível, correndo o risco de, por outro lado, admitindo essa hipótese, daria ensejo ao caos e à anarquia dos corpos. Todavia, seria aí que consistiria mais uma retorsão aos estoicos, perguntando-lhes, já que defendem que há uma causa divina inteligente por trás da natureza, se esse mesmo agente divino que criou o mundo e o governa, se empenhou em conservar o mundo tal qual como o vemos, já que se ele teve o poder de criar, também teria o poder de destruir o que criou. Bayle então conclui que não há sistema que garanta a longa duração desse mundo, “mas que o sistema ortodoxo é mais incapaz do que o de Estratão para garanti-lo” (*Ibid.*), isto é, a concepção de mundo estoica assentada numa criação divina tenderia mais facilmente à anarquia e à destruição do que a concepção estratoniana²⁶.

Bayle prossegue no assunto - §CX- enfatizando “duas coisas que um discípulo de Estratão poderia dizer” (*Ibid*, p. 339*b*): 1) que não era preciso ter receio da anarquia dos corpos que constituíssem parte de uma natureza desprovida de conhecimento, já que a ordem que vemos no mundo “se manteve por todo o tempo até nós, ainda que o estado da matéria seja um combate eterno e total” (*Ibid.*); 2) quanto à forma da natureza, que é o ser necessário com suas virtudes e seus atributos, ela advém tão e somente “das leis eternas e imutáveis e que, conseqüentemente, não esteja senão na condição mais perfeita que possa existir” (*Ibid.*) Ainda aos adversários mais ortodoxos pode causar estranheza que a natureza tenha leis regulares mesmo que ela não saiba nada do que faz e ignora sua própria existência, e ávidos de encontrar um ponto fraco no sistema de Estratão, tentam mostrar a seu adversário que seus princípios são frágeis e suas conclusões inaceitáveis, mesmo que na filosofia natural do peripatético de Lâmpsaco estejam lá tanto a necessidade como a regularidade da natureza, porém, dessacralizadas.²⁷ Para Bayle, é evidente a diferença entre a natureza dos filósofos pagãos, dos teólogos e a de Estratão, pois a dos primeiros recebe todas as faculdades de um deus, ao passo que para

²⁶ Mesmo que Estratão “ne pouvoit pas garantir les suites des loix naturelles, mais il pouvoit retorquer l’inconvenient qu’on voulu lui objecter” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 339*a*).

²⁷ E Bayle afirma que a filosofia natural de Estratão não pode ser reduzida a um simples devaneio desprovido de argumentações convincentes a respeito da sua concepção de natureza: “Je ne vois pas que Straton puisse être réduit à toutes ces extremitez, car si on lui laisse passer la suposition d’une matière existante nécessairement avec la vertu motrice & telles autres facultez, il s’ensuivra que la Nature produit régulièrement certaines choses, la même necessite qui fait que la matière ne peut cesser ni d’exister, ni d’agir, faisant aussi que chacune de ses facultez ait une certaine sphere qui lui sert de règle, attendu que ce sont des facultez qui ne peuvent être réduites en acte sans faire précisément tout ce qu’elles peuvent ni plus ni moins” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 340*a*).

o último a natureza tira dela própria as suas. Tal diferença se deve a uma outra já que “Estratão era ateu e que os outros não são” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 341a), mas tanto ele como seus adversários têm de lidar com a incontornável necessidade de reconhecerem que “há coisas que agem regularmente e que observam as leis mais admiráveis sem saber o que elas fazem” (*Ibid.*) Contudo, parece que Bayle dá um sutil ganho de causa ao naturalista de Lâmpsaco já que “Estratão nos obriga a nos limitarmos à natureza mesma do primeiro ser, sem poder buscar a razão de seus atributos em uma ordem ou plano anterior” (*Ibid.*, p. 342a)²⁸.

IV. À guisa de conclusão

Se Bayle “substituiu” Estratão de Lâmpsaco (BOST, 2009), fazendo dele o personagem irradiador de suas reflexões acerca da concepção de natureza ou se ele fez do “sistema dos Estratonianos” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 342b) o seu próprio, concedendo a ele um *status* filosófico jamais visto na Modernidade tirando-o da marginalia filosófica; ou se Bayle o viu como um ateu sistemático “metade histórico e metade fictício”(PAGANINI, 2009, p. 395) através do diálogo imaginário dos jovens atenienses ao longo de alguns parágrafos da *Continuation des Pensées diverses* na busca de um naturalismo que fosse o mais coerente, o que importa aqui é a transposição da discussão da Antiguidade à Modernidade a partir do resgate de Bayle da figura de Estratão como um pensador original – e como o pensador francês o fez com tantos outros em seu *Dictionnaire historique et critique* –no que concerne às concepções vigentes e contrastantes de filosofia natural antigas que deram muito o que falar no século XVII, em particular sobre o que se entendia por natureza e o que/quem era responsável seja pela sua criação, seja pelo seu arranjo e propósitos. Bayle nos mostra que a crítica a certas teorias atomistas já estariam em Estratão devido a já subentender a noção de leis naturais²⁹, em oposição aos atomismos que ainda apelam a algo

²⁸ Mesmo que ao longo da discussão tenha dado argumentos para os dois lados, testando-os com a armadilha do verdadeiro e do falso: “Il est l’écueil du vrai & du faux: il embarasse les Naturalistes, je viens vous le faire voir; il embarasse les Orthodoxes, car il n’y a point d’objections plus épouvantables que celles d’un Stratonicien emprunteroit du mal moral & du mal physique qui regne parmi les hommes” (*OD III[CPD]*, 1705, p. 343a).

²⁹ Pellegrin, nesse ponto, discorda de Rodier, quando este diz que Estratão seria um dos precursores da ciência moderna. E Rocha afirma que “a falta de um arquiteto para coordenar a perfeição que encontramos no mundo natural, crítica comum ao atomismo da Antiguidade à Renascença, tornou-se

extranatural fora dos átomos que lhes dessem uma ordem e função na natureza. Mas fiquemos neste ponto: o peculiar reavivamento do ateísmo sob a pena de Bayle, agora através da figura de Estratão de Lâmpsaco, na segunda metade do século XVII e no começo do século das *Lumières* se dá sobre um autêntico conteúdo filosófico em que quem nega a existência dos deuses seria o representante do ateísmo especulativo. Bayle afirma a existência destes historicamente, mesmo que sendo poucos³⁰, mas que não constituem uma classe vazia, desde Estratão na Antiguidade até cujo maior expoente que em sua concepção, na Modernidade, seria Spinoza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.], tome III.

_____. *Continuation des pensées diverses, écrites a un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre de 1680 ou Réponse a plusieurs difficultéz que Monsieur *** a proposées à l'Auteur*. Amsterdam: Herman Uytwerf, tome II, s.d.p. (versão fac-símile)

BOST, Hubert. “Bayle propose-t-il une histoire de la philosophie?” In: *KRITERION*. UFMG: Belo Horizonte, 2009, p. 295-312.

ÉPICURE. *Lettres, maximes et autres textes*. Trad. Par Pierre-Marie Morel. Paris: Flammarion, 2011.

LAËRCE, Diogène. *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. par Marie-Odile Goulet Gazé. Paris: La Pochotèque, 1999.

MORI, Gianluca. *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999.

PAGANINI, Gianni. “Pierre Bayle et le statut de l’athéisme scéptique”. In: *KRITERION*. UFMG: Belo Horizonte, 2009, p. 391-406.

PELLEGRIN, Pierre. “La physique de Straton de Lampsaque: dans la lignée de Georges Rodier” In: DESCLOS, Marie-Laurence/ FORTENBAUGH. *Strato of Lampsacus: text, translation and discussion*. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2011, vol. XVI, p. 239-261.

remediável através do conceito de leis naturais” (2007, p. 70) Tal argumentação também valeria para Estratão já na Antiguidade, pois mesmo não sendo atomista, viu que ainda, em última instância, ainda tinha resquícios do divino nas teorias atomistas, como a de Demócrito, por exemplo.

³⁰ Uma “aristocracia do ateísmo”, como diz Mori (1999, p. 206).

ROCHA, Gustavo Rodrigues. *História do atomismo: como chegamos a conceber o mundo como o concebemos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

SHARPLES, Robert W. “Strato of Lampsacus: The Sources, Texts and Translations”. In: DESCLOS, Marie-Laurence/ FORTENBAUGH. *Strato of Lampsacus: text, translation and discussion*. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2011, vol. XVI, p. 5-26.